



Práticas e combinações culturais na construção de novas identidades: o hibridismo na Cidade Alta – Olinda – Pernambuco¹

Ana Paula Campos LIMA²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

Estudo acerca das relações e tensões entre as culturas popular e massiva, suas mediações comunicacionais atuais e as diferentes hibridizações das manifestações musicais da cultura olindense na construção de novas identidades. A discussão teórica terá como base as propostas de autores como Stuart Hall, Peter Burke, Renato Ortiz, entre outros que tratam dos temas em questão, sendo os dados da pesquisa de campo coletados através de levantamentos documental e textual e observação participante.

Palavras-chave

Culturas populares; identidade cultural; hibridismo; comunicação; bandas musicais olindenses.

Introdução

O estudo em questão tem entre seus objetivos, o de contrapor as tensões entre global e local na Cidade Alta de Olinda, analisando a relação entre tradição, identidade e cultura de massa, presentes nas práticas e combinações culturais entre brincadeiras populares e grupos musicais olindenses que apresentam novas propostas artísticas a partir do híbrido.

Para se alcançar tal proposto, faz-se necessário analisar o objeto a ser estudado sob a ótica das teorias que tratam de cultura, hibridização, comunicação (de massa) e novos *medias*, identidades, a partir de seu estudo, entendimento e posterior confronto com o universo pesquisado. Isso levando em conta o estudo das influências e das formas como elas ocorrem, a partir de um levantamento e classificação das propostas artísticas

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação e Administração pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Professora e pesquisadora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus João Pessoa. E-mail: aparmorial@yahoo.com.br.



olindenses: ritmos tradicionais e novos artistas locais que tenham o híbrido como ponto de partida para uma reinvenção musical e inserção no global.

Esse mergulho no tema em questão se faz quando tentamos identificar elementos comuns e diferentes entre as bandas e artistas, e como elas se relacionam com o popular no cenário em questão; e ainda durante a discussão sobre a importância e o papel das trilhas abertas por movimentos e manifestações culturais relevantes ocorridas em Pernambuco como o Armorial e o Mangubeat, além do trabalho do grupo musical Cordel do Fogo Encantado, que se mostra, a partir de outros estudos anteriores já realizados por nós, como de fundamental importância para entender o cenário musical atual olindense e seus entrelaces e propostas de resignificações culturais.

Mergulho no tema

Sentimos a necessidade de expor aqui a nossa proposta metodológica, para que fique claro quais aspectos estarão presentes em nossa discussão e sobre o que dedicaremos nosso olhar com a proposta de trabalho. A abordagem feita por nós do objeto de estudo em questão é qualitativa, pois pretendemos compreender aspectos “cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos devido à complexidade que encerra.” (RICHARDSON, 1999, p. 80). No segundo momento do nosso estudo, a amostra será do tipo não probabilística intencional ou de seleção racional, e para a escolha dos entrevistados serão traçados critérios de acordo com os objetivos e hipóteses elencadas por nós.

O primeiro instrumento de coleta de dados utilizado na primeira fase da pesquisa foi o levantamento bibliográfico sobre os Estudos Culturais, hibridização, identidade cultural, diáspora, meios de comunicação de massa (MCM) e novos *medias*, entre outros temas já mencionados, para uma melhor compreensão dos assuntos ligados ao projeto. Posteriormente será feita a observação participante, traçando um perfil dos públicos (características que perpassam pelo comportamento, estilo, roupas e acessórios) e das bandas, observando locais de shows e eventos, bem como o diferencial de cada proposta artística, passando pelas formas de divulgação.

Só então serão analisados os espetáculos e ações culturais desenvolvidas por grupos musicais de Olinda que trazem em suas características o popular e o novo; e serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com artistas e integrantes dos grupos selecionados (que apresentem como alicerce brincadeiras, elementos ou ritmos das



culturas populares tradicionais locais), para conhecer as formas que as influências aparecem em músicas atualmente por **eles** produzidas.

Todos os instrumentos e formas de coleta de dados utilizados vêm servindo para relacionar as propostas artísticas e influências das bandas e músicos às características presentes em Olinda e em suas principais manifestações culturais. Tais instrumentos se destacam pelo fato de penetrarem na complexidade do problema de pesquisa (RICHARDSON, 1999). Uma variável importante que fará parte de nossa análise (bibliograficamente e a partir das experiências dos entrevistados) é a que se refere aos novos suportes digitais e às novas formas de distribuição da música produzida atualmente.

Quanto à opção por utilizar, entre outras, a técnica de observação para a realização do nosso estudo, Richardson (1999) argumenta que a importância desta para a pesquisa qualitativa, quando conduzida de forma adequada, está no fato desta metodologia revelar muitas vezes resultados surpreendentes, inesperados, que poderiam passar despercebidos se utilizássemos técnicas diretivas.

Identidade musical reinventada

A presente proposta de estudo mergulha em temas atuais que envolvem questões-chave nos Estudos Culturais: em especial a relação entre comunicação e cultura. Os assuntos em questão estão imbricados e conduzem invariavelmente à discussão sobre desconstrução do popular e à formação das novas identidades na pós-modernidade. Após a ideia de uma identidade nacional baseada no Estado-nação (BURKE, 2003), florescem novas formas identitárias, tendo sempre o híbrido como garantia. As proporções que farão das relações diaspóricas modelos identitários trazendo as culturas populares e massivas são imprevisíveis.

Nas trocas vernaculares cosmopolitas que permitem às tradições musicais populares do ‘Primeiro’ e do ‘Terceiro’ Mundo se fertilizarem umas às outras, e que têm construído um espaço simbólico onde a chamada tecnologia eletrônica avançada encontra os chamados ritmos primitivos [...] não há mais como traçar uma origem, exceto ao longo de uma cadeia tortuosa e descontínua de conexões. A proliferação e a disseminação de novas formas musicais híbridas e sincréticas não pode mais ser apreendida pelo modelo centro/periferia ou baseada simplesmente em uma noção nostálgica e exótica de recuperação de ritmos antigos. É a história da produção da cultura, de músicas novas e inteiramente modernas da diáspora – é claro,



aproveitando-se dos materiais e formas de muitas tradições musicais fragmentadas. (HALL, 2003, p. 38).

O objeto escolhido por nós para ser analisado é um universo musical composto por novas bandas e músicos de Olinda que trabalham uma música inventiva, com forte base nas culturas populares locais sem que isso se torne uma amarra. Os grupos e artistas em questão são: Eddie, Academia da Berlinda, Orquestra Contemporânea de Olinda, Rabecado, Maciel Salu e o Terno de Terreiro, Cláudio da Rabeca e o Quarteto Olinda. O que une tais músicos, além da proposta artística já mencionada, é uma antiga amizade, o desenvolvimento de alguns trabalhos juntos (inclusive em blocos carnavalescos e manifestações populares locais) e o fato de que eles são responsáveis por uma forte movimentação cultural que acontece na Cidade Alta nos últimos 10 anos.

Bandas e artistas escolhidos têm trabalhos muito próprios, inconfundíveis em um primeiro momento, mas o que move o nosso estudo é um fio quase invisível de elementos ímpares tanto do local quanto do global que os une. E tais características contidas nas propostas musicais marcam um novo mercado cultural a ser estudado.

A cidade histórica de Olinda, eleita como Capital Brasileira da cultura 2006, vem apresentando essa construção e busca por identidades: as brincadeiras populares locais são produzidas e compostas por jovens que trazem para o folguedo, ainda que involuntariamente, influências impressas nos modos de agir e de desenvolver outras atividades artísticas. E o espaço de negociação desses novos valores culturais é a Cidade Alta olindense.

Contudo, esses jovens, ao mesmo tempo que influenciam, passam para o papel de influenciados por elementos, essências, ritmos e instrumentos. O amálgama construído no universo popular é levado por eles para outras criações que mesclam o legado popular com ritmos caribenhos ou guitarras norte-americanas. O trabalho dos músicos da Cidade Alta experimenta e harmoniza músicas pouco conhecidas consideradas brega a sons locais. O que pode parecer muito peculiar, hoje pode ser “encontrado” em outro local, mostrando aí sua universalidade. Hall (2003) descreve o processo de transculturação, através do qual grupos “subordinados” reinventam as tradições com base no que lhes é transmitido pela cultura considerada dominante. Isso ocorre na “zona de contato” para os sujeitos antes isolados por variadas disjunturas cujas trajetórias se cruzam na atualidade.



Nossa proposta é compreender o processo acima descrito na atualidade, ou seja, no momento em que o fenômeno vem acontecendo em Olinda. E fazemos tal proposta com um certo conhecimento do universo empírico. Um conhecimento de quem nasceu e frequenta o “local” a ser pesquisado, convive com artistas e grupos olindenses, além de ter feito parte de um dos grupos de maracatu de baque virado³ mais conhecidos da cidade – o Maracatu Nação Pernambuco, um dos precursores na busca por uma identidade. O grupo foi o primeiro maracatu a hibridizar o famoso cortejo real do congo, levando-o para os palcos em formato de espetáculo e inserindo instrumentos de sopro ao lado das alfaias e demais instrumentos de percussão comuns na tradição de origem africana.

Mas essa possível “intimidade” com o objeto não nos deixa contaminada pela realidade a ser estudada. Na verdade, nosso olhar curioso levanta questionamentos e instiga a busca por conhecer, entender e traçar interpretações científicas para alguns processos que marcam o momento em que surge uma forte movimentação cultural na Cidade Alta de Olinda.

A transnacionalização, no caso dos músicos olindenses, está na questão de se pluralizar e reinventar, com base nas características tradicionais de uma cidade arraigada aos rótulos de “tradicional” e “genuína”, que remetem a uma “pureza” cultural, criando uma música que não cabe em definições ou estilos pré-estabelecidos, marcada por uma ousadia inventiva, ou, nos dizeres de Hall (2003, p. 37) “[...] uma forma musical diaspórica incorporada.”

As “desamarras” das culturas populares

O termo cultura é amplo e suas definições perpassam diversos campos. Sodré (1983, p. 16) ressalta o entendimento de “cultura” como sendo “[...] um complexo diferenciado de relações de sentido, implícitas e explícitas, concretizadas em modos de pensar, agir e sentir.” É comum seu uso para se referir às artes, às ciências e

³ A manifestação popular em questão é uma das mais tradicionais e conhecidas como elemento identitário do Estado de Pernambuco e de Olinda. De origem africana, o maracatu de baque solto ou maracatu nação, como também é chamado, se caracteriza por ser um grande cortejo real, com rei, rainha, príncipes, princesas, vassalos, lanceiros, damas do paço, que carregam a boneca sagrada do maracatu (calunga) e outros componentes. A música que dá o tom ao desfile de rua é executada por percussionistas e um mestre, que puxa as toadas e rege os músicos com um apito. Os instrumentos utilizados são: alfaias (tambores afinados por cordas laterais, feitos de tronco de uma árvore, a macaíba), gonguês, ganzás e caixas de guerra ou tarol. Mais informações ver Filho, 1999; Cascudo et al, 1975; Benjamin, 1989.



posteriormente para descrever seus equivalentes populares (de músicas consideradas folclóricas à medicina popular).

As culturas locais foram vistas durante muito tempo somente como folclore, cultura inferior ou subalterna. Havia claros limites entre popular e erudito, rural e urbano. Com o tempo, tais limites se tornaram cada vez mais sutis e difíceis de serem percebidos, e as diversas interações entre cultura erudita e popular passaram a ser vistas como razão para abandonar de vez os dois adjetivos (ORTIZ, 1980).

No entanto, Peter Burke (2005) considera que sem a adjetivação seria impossível descrever as interações entre o erudito e o popular. Assim, aponta como a melhor política a de empregar os dois termos sem tornar muito rígida a oposição binária, colocando tanto o erudito como o popular em uma estrutura mais ampla.

É possível perceber que, em torno da discussão sobre o folclore, a cultura popular foi descoberta e gradativamente o tema foi associado a outros como: nacionalidade, modernidade e formação da identidade nacional, inseridos em questões atuais como industrialização e democratização. Em nosso estudo pretendemos nos deter com mais profundidade às abordagens de cultura que tratem das questões ligadas às manifestações culturais (danças, folguedos, brincadeiras e ritmos), mais especificamente às populares e às híbridas atuais, geradoras das novas identidades.

No entanto, vale mencionar que na tentativa de compreensão dos processos de desconstrução e relação entre as culturas, não é possível prender no passado os modelos das culturas populares, “elas estão presentes no coração das praças-fortes da economia contemporânea.” (CERTEAU, 1994, p. 87).

E é a partir dessa ideia de Certeau e dos demais autores citados, de que não há amarras para as “tradições” culturais, que tentamos entender como o que há de mais antigo nas manifestações culturais de Olinda podem servir de base profunda para propostas de músicos e bandas que parecem, a um primeiro olhar menos atento e reflexivo, “desplugados” dos elementos mais tradicionais presentes nas brincadeiras populares.

A compreensão da dinâmica do popular

É preciso enxergar o popular não como representante de algo puro, onde se guarda as tradições, e sim “o terreno sobre o qual as transformações são operadas. No



estudo da cultura popular, devemos começar sempre por aqui: com duplo interesse da cultura popular, o duplo movimento de conter e resistir, que inevitavelmente se situa em seu interior.” (HALL, 2003, p. 249).

Os conceitos do popular e do massivo também eram claramente distintos: o popular ligado às manifestações das culturas tradicionais populares e o massivo significava industrialização cultural, produção distribuída em escala nacional, sempre associada aos MCM. Mas a atual integração entre a cultura e os veículos de comunicação massivos torna essa distinção cada vez vai difícil de ser vista (ORTIZ, 2000). Com isso, passamos a enxergar o massivo enquanto possibilidade de expansão das culturas tradicionais.

O processo de hibridização articula antigas tradições sem o compromisso utópico de mantê-las com as características originais, produzindo novos fenômenos e dando novos sentidos a partir de uma reelaboração simbólica das estruturas materiais. Tal processo gera outras manifestações e reordena as já existentes no atual cenário, provocando transformações no sistema social.

[...] no existen grupos aislados en las sociedades actuales [...]. Algunas tradiciones desaparecen, otras se descaracterizan por la mercantilización, otras son mantenidas con fuerza y fidelidad, pero todas son reordenadas por la interacción con el desarrollo moderno. (CANCLINI, 1989b, p. 9).

A partir da discussão em questão, os autores que debatem o tema afirmam que as culturas populares⁴, que nos tempos atuais se limitam a usar os meios tradicionais, se tornam de pouco efeito, mas seu poder cresce a partir de sua inserção nos meios massivos da comunicação.

Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa [interminável] viagem. (CHAMBERS, 1990 apud HALL, 2003, p. 27).

O atual período se caracteriza, entre outras coisas, pelos encontros culturais, que se intensificam e se tornam cada vez mais frequentes, ligando a globalização ao hibridismo constante. As novas identidades se explicam a partir da “identificação

⁴ Peter Burke (2005) lembra que a partir da relação entre história e antropologia, o termo “cultura” passa a ser utilizado no plural.



associativa” que ocorre entre os migrantes e as culturas de origem “[...] mesmo sendo representantes de gerações posteriores, ainda que os locais de origem não sejam mais as únicas fontes de identificação.” (HALL, 2003, p. 26). Burke (2003) bem observa o surgimento de um grupo de teóricos do hibridismo, presente inclusive em nossa discussão teórica, com identidades culturais mistas.

No processo de transnacionalização, estão inseridas as indústrias comunicacionais, bem como aspectos de globalização e modernidade. A globalização conquistou um crescente espaço no âmbito da cultura, tendo em vista a presença nos meios massivos de grupos e características das culturas populares sem divergir da ótica capitalista, gerando “algo novo” e promovendo o fim de algumas barreiras entre o local e o global (CANCLINI, 1993). À luz de Certeau (1994) percebemos que não é possível retirar as questões ligadas à cultura do que ele chama de “comércio intelectual e social” responsável por seus deslocamentos.

Nesse contexto, Stuart Hall (2003) ressalta a importância de se considerar a perspectiva diaspórica da cultura enquanto forma de subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. A globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos e as compreensões espaço-temporais do tema, impulsionadas pelas novas tecnologias, tornam mais tênues os laços entre a cultura e o ‘lugar’, sendo possível mapear apenas processos de repetição-com-diferença, ou de reciprocidade-sem-começo.

A partir da observação participante das apresentações, do contato e de uma certa convivência com alguns dos músicos em questão (já que nós, até o ano de 2010, integrávamos um dos maracatus de baque virado mais conhecidos do Estado, o Maracatu Nação Pernambuco, na condição de percussionista), que as propostas artísticas das bandas e músicos focos de nosso estudo, ousam nas misturas e ao que parece em nada lembram (em um primeiro momento) os tradicionais grupos de frevo, de forró ou de afoxé que serviram de base para o primeiro aprendizado, contato com os instrumentos. O que nos faz lembrar a expressão “repetição-com-diferença” de Hall há pouco citada.

Considerações Finais

Para a realização do presente estudo, vem sendo necessário, a partir dos teóricos que discutem as culturas híbridas, os Estudos Culturais, as novas identidades e o papel dos MCM, a compreensão do “cenário” em questão, o corpus onde as relações se



condensam – no caso, a Cidade Alta, em Olinda – e o que esta produz em termos de cultura e música atualmente. A pesquisa encontra-se em andamento, portanto nossas ponderações não são conclusivas, atestam o que foi percebido até o presente momento de estudo.

É preciso considerar o foco artístico da Cidade Alta não só enquanto monumento histórico dos mais antigos do país, mas como lugar fértil, culturalmente falando, celeiro de grupos musicais (perfeitas representações do híbrido), que permite não mais um embate, mas sim novas relações entre o popular e o massivo, antes vistas como antagônicas, e que hoje são capazes de fornecer elementos para a (re)criação e até invenção de uma música de vanguarda que parece não permitir rótulos. Nesse processo, não é possível ignorar a importância de propostas artísticas como as do Movimento Armorial, Mangubeat e da banda Cordel do Fogo Encantado, que, apesar de suas diferenças, já traziam como eixo principal uma nova arte que se mistura com outras, partindo sempre do popular.

Com os três exemplos citados acima, enxergamos em Pernambuco mais que um Estado de manifestações populares variadas, marca indelével de seu carnaval. É possível perceber uma hibridização constante, sempre marcada pela transnacionalidade. Os movimentos culturais locais partem do hegemônico e propõem sempre misturas diferentes como base para a criação de uma nova arte, marcada pelo elemento inventivo e pela presença constante, em diferentes formas e proporções, das brincadeiras e ritmos populares.

Em nossa proposta de estudo, cabe observar e analisar algo que está acontecendo atualmente: as bandas olindenses vêm trabalhando em cima de novas propostas artísticas, ainda pouco discutidas, mas permanecem com a formação nas tradições das culturas populares locais, hibridizando de diferentes formas com influências advindas do global, em termos de sons de diversos locais e que chegam através de meios como a Internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.



CANCLINI, Nestor Garcia. Nacionalismo y globalización: el debate multicultural. **Sociológica**, [S.l.]. año 8, n.21, p. 257-267, ene./abr. 1993.

_____. Ni folclórico ni masivo: ¿que es lo popular? **Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 17, p.5-11, jun., 1989.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ:Vozes, 1994.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LIMA, Ana Paula Campos. **Comunicação e reconversão cultural: sertão alumiado pelo fogo do cordel encantado**, Arcoverde, Pernambuco, Brasil. 2003. 177 f. Tese (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

_____. **Sertão alumiado pelo fogo do cordel encantado**. Recife: Comunigraf, 2005.

ORTIZ, Renato. **A consciência fragmentada; ensaios de cultura popular e religião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. Identidades culturais no contexto da globalização. In: _____. **Comunicação & Educação**, São Paulo: [s.n.], 2000. p. 68-80.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Codrini, 1983.